

# INFORME

## Pesquisas arqueológicas na região central do Estado de São Paulo – Projeto Fapesp<sup>1</sup>

(em inglês, p. 266)

PEDRO PAULO A. FUNARI

*Professor Titular do IFCH/Unicamp*  
*Coordenador-associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp)*  
*Professor da Pós-graduação em Arqueologia do MAE/USP*

SOLANGE NUNES DE O. SCHIAVETTO

*Doutoranda em História Cultural pelo IFCH/Unicamp*  
*Pesquisadora do NEE/Unicamp e do CEIMAM/Unesp/Araraquara*  
*Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais/Poços de Caldas*

**RESUMO** O artigo apresentará uma descrição das duas etapas de levantamento de campo já executadas no projeto “Pesquisas arqueológicas no médio Mogi-Guaçu e médio Jacaré-Guaçu, estado de São Paulo”. Os trabalhos descritos neste artigo estão inseridos em pesquisa realizada por arqueólogos do NEE (Núcleo de Estudos Estratégicos/Unicamp) e têm por objetivo evidenciar o passado indígena da região de Araraquara (sobretudo sítios cerâmicos), fazer uma discussão patrimonial sobre tais vestígios e discutir com a população local, por meio da educação não-formal, a formação multicultural da região. Vendo a educação patrimonial como finalidade primordial do projeto, as pesquisas na região contemplam, ainda, várias formas de divulgação dos seus resultados, muitas delas em andamento: montagem de exposições temáticas, cursos para professores do ensino fundamental, publicação dos resultados parciais e finais para o público acadêmico e não-acadêmico, treinamento de universitários interessados em Arqueologia.

**PALAVRAS-CHAVE** Cerâmica arqueológica, Arqueologia regional, levantamento arqueológico no médio Mogi-Guaçu, levantamento arqueológico no médio Jacaré-Guaçu.

**ABSTRACT** The article will show a description of the two stages of the field survey already accomplished in the “Archaeological Researches in the Middle Mogi-Guaçu and Middle Jacaré-Guaçu, São Paulo State” Project. The works described in this article are part of a research done by CSS (Center for Strategic Studies / Campinas State University) archaeologists and have as its goals to evidence the indigenous past of the Araraquara region (especially ceramic sites), to produce a discussion about the heritage aspects of such remains and to discuss with the local population, by way of informal education, the multicultural formation of the region. Seeing the heritage education as the main goal of the project, the researches in the region still contemplate several forms of making public its results, many of them still in process: the assembly of thematic exhibitions, curses offered to K-12 teachers, publication of the partial and final results for the academic and non-academic public and training of college students interested in archaeology.

**KEYWORDS** Archaeological pottery, Regional archaeology, Archaeological survey in middle Mogi-Guaçu, Archaeological survey in middle Jacaré-Guaçu.

### Introdução: o contexto epistemológico

O contexto epistemológico em que se insere a pesquisa explica suas características e dinâmica. A Arqueologia brasileira apresenta uma longa trajetória, desde seus inícios no século XIX. Apenas após a Segunda Guerra Mundial a Arqueologia passou a assumir as feições acadêmicas, em grande parte como resultado da luta pelos direitos humanos, encabeçada, no campo da Arqueologia, por Paulo Duarte. O jugo militar viria a embaraçar o progresso da Arqueologia humanista, mas a restauração das liberdades civis permitiria, a partir de meados da década de 1980, o surgimento de uma variedade de abordagens e de engajamentos sociais da disciplina, que passou a interagir, cada vez mais, com os grupos sociais e a adotar posturas menos elitistas. O desenvolvimento da legislação de proteção do patrimônio, também resultante da democratização, gerou um crescimento notável das pesquisas de campo e favoreceu a inclusão dos interesses de indígenas, quilombolas e da população comum em geral no campo das preocupações da Arqueologia, entendida como atividade de relevância social e parte das políticas públicas destinadas à inclusão e à diminuição das desigualdades. Nesse novo contexto, e em sintonia com o desenvolvimento da Arqueologia mundial, a Arqueologia Brasileira passou a tratar da pluralidade, da heterogeneidade, dos conflitos, das identidades sociais.

Na medida em que a teoria arqueológica ficou mais sofisticada, nos últimos anos, um crescente número de escavadores voltou-se para aspectos sociais da vida cotidiana do passado. Parte de sua maior atenção para com a sociedade e com os sentidos sociais e simbólicos surgiu por seu crescente interesse em estudar as obras de estudiosos de diversas áreas acadêmicas, de modo a obter novos *insights* e métodos de pesquisa. Os arqueólogos, que, em primeiro lugar, distanciaram-se das abordagens esquemáticas e mecânicas e buscaram caminhos inovadores para interpretar a vida diária, começaram, assim, a ler com regularidade as obras de geógrafos, sociólogos, historiadores, antropólogos e cientistas sociais para aguçar suas habilidades interpretativas e ampliar seus pontos de vista. Ao adotarem perspectivas mais nuançadas e multifacetadas, numerosos arqueólogos sociais começaram a examinar os depósitos arqueológicos com o reconhecimento da importância de dois contextos sócio-históricos: (i) o que existia no passado e foi experimentado pelos in-

divíduos estudados e (ii) os ambientes que eles, como arqueólogos, vivenciaram e trabalharam. A crescente reflexão sobre a importância da contextualização da própria pesquisa fez progredir rapidamente a interpretação arqueológica e a tornou relevante, em escala mundial, para as comunidades de descendentes dos povos estudados pela Arqueologia. A prática da Arqueologia, outrora relegada aos corredores silenciosos das universidades e aos empoeirados depósitos dos museus, foi transformada em uma disciplina com um significativo engajamento no que diz respeito ao público.<sup>2</sup>

Esta pesquisa insere-se nessa renovação da Arqueologia mundial,<sup>3</sup> ao buscar, por meio do estudo de uma região central do estado de São Paulo, verificar os assentamentos antigos e sua relevância para as construções identitárias,<sup>4</sup> assim como propor uma ação de Arqueologia pública em relação à gestão desse patrimônio.<sup>5</sup>

### Desenvolvimento do projeto

Após as leituras executadas para aprofundarmos o conhecimento obtido em pesquisas de arqueologia já realizadas na região, fomos a campo, em duas etapas, e procedemos ao levantamento nas áreas propostas (médio Jacaré-Guaçu e Mogi superior), cujos resultados serão apresentados logo abaixo. No entanto, as leituras revelaram duas realidades bem diferentes daquelas apontadas em pesquisas arqueológicas anteriores.

A região do estudo, conhecida historicamente como os “Sertões de Araraquara” ou “Campos de Araraquara”,<sup>6</sup> possui achados arqueológicos que se filiam, em alguns trabalhos, a duas tradições ceramistas:<sup>7</sup> uma ligada a povos de línguas tupi, que os arqueólogos chamam de tradição Tupiguarani ou, mais recentemente, subtradições Tupinambá e Guarani; outra, ligada a povos de língua jê, que, por falta de melhor especificação, chamaremos, num primeiro momento, de tradição Pedra do Caboclo (utilizando uma terminologia proposta por Brochado).<sup>8</sup> Embora essas duas tradições já tenham sido estudadas separadamente, uma análise mais aprofundada na região em questão, que parece ser a fronteira sul de uma delas (subtradição Aratu da tradição Pedra do Caboclo), ainda não foi executada. Neste primeiro momento da pesquisa têm chamado a atenção as diferenças entre os discursos das fontes históricas e os trabalhos arqueológicos da região. Nos

primeiros, a região é vista como a morada de múltiplas etnias indígenas,<sup>9</sup> ao passo que, nos últimos, as evidências apontam somente para duas tradições ceramistas. No entanto, as pesquisas arqueológicas na região, de um ponto de vista teórico, ainda são incipientes e não houve, até o momento, um interesse real em se preencher o vazio que esta área de pesquisa representa para o estudo das populações indígenas, tanto do ponto de vista arqueológico quanto do etno-histórico.

O Mogi-Guaçu já foi anteriormente estudado, recebendo atenção de arqueólogos profissionais e amadores desde a década de 1940.<sup>10</sup> Proporcionou aos pesquisadores, no âmbito dos sítios ceramistas, um quadro heterogêneo. Na área da pesquisa, cinco sítios cerâmicos já foram identificados, tendo sido quatro deles já escavados na década de 1980,<sup>11</sup> no município de Luís Antônio. Esses quatro sítios do município de Luís Antônio estão sendo reanalisados em projeto de mestrado proposto e executado por Moraes.<sup>12</sup> O quinto sítio, Suzuki, foi encontrado no município de Guataparã em etapa de arqueologia de contrato realizada pela Scientia Consultoria Científica, a partir dos trabalhos de levantamento realizados para a duplicação da rodovia Araraquara-Ribeirão Preto.

A pesquisa nos quatro sítios de Luís Antonio somente vislumbrou o potencial arqueológico da área, pois não era seu objetivo fazer um levantamento arqueológico sistemático naquela porção do rio Mogi-Guaçu. Os sítios foram encontrados mediante informação oral quando os pesquisadores participavam das etapas de campo do Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do Rio Pardo, realizadas em 1981, sob coordenação dos arqueólogos Solange Bezerra Caldarelli e Walter Alves Neves, do então Instituto de Pré-História.

As outras pesquisas do Mogi-Guaçu e regiões adjacentes foram realizadas em áreas que o presente projeto (em termos de levantamento) não abrange, mas acrescentam dados importantes para o desenvolvimento de investigações futuras. Alves e Calleffo pesquisaram os sítios arqueológicos da região de Monte Alto, dentre eles os sítios Água Limpa e Anhumas I e II, da tradição ceramista Aratu.<sup>13</sup> Embora Alves não tenha realizado pesquisas na bacia do Mogi-Guaçu, e sim no Rio do Turvo, afluente do Rio Grande, seus resultados são de grande importância para um melhor conhecimen-

to da Arqueologia regional, pois abordam uma área ainda não pesquisada pela Arqueologia brasileira.

Manuel Pereira de Godoy, arqueólogo amador e grande conhecedor do rio Mogi-Guaçu, interessou-se, na década de 1940, pelos achados arqueológicos da região de Pirassununga e Rio Claro, tendo contribuído com textos descritivos minuciosos da cultura material por ele encontrada.<sup>14</sup> Em 2003, foi realizado um levantamento arqueológico para arqueologia de contrato na rodovia SP 322, que liga Sertãozinho a Bebedouro,<sup>15</sup> revelando a existência de dois sítios cerâmicos na área do córrego Pitangueiras e na margem direita do Mogi-Guaçu. Os sítios foram escavados e o material encontra-se no Museu Municipal de Araraquara, onde recebeu o tratamento laboratorial (lavagem e numeração das peças, análise tecnotipológica). José Luís de Moraes,<sup>16</sup> também mediante arqueologia de contrato, detectou sítios cerâmicos na área de influência da Central Hidrelétrica de Mogi-Guaçu, que abrangiam os municípios de Mogi-Guaçu, Mogi-Mirim e Itapira (alto Mogi).

O rio Mogi-Guaçu, até onde se estendem suas pesquisas arqueológicas, apresenta um quadro heterogêneo no tocante aos sítios cerâmicos. Na porção estabelecida no alto Mogi, os sítios arqueológicos são ligados à tradição ceramista Tupiguarani, tendo sido encontrados fragmentos de cerâmica com decoração pintada sob engobo branco ou vermelho, e com decoração plástica apresentando os motivos unglado e corugado, por exemplo. Tais decorações, as formas dos vasos reconstituídos e a presença de urnas funerárias constituem, na nomenclatura tradicional da Arqueologia brasileira, a tradição ceramista Tupiguarani.

Os cinco sítios detectados no médio Mogi pela equipe de Solange Caldarelli enquadraram-se, também, na tradição Tupiguarani, apresentando as mesmas características. Os sítios de Pitangueiras em um primeiro momento foram incluídos na tradição Aratu, por não apresentarem decoração plástica e pela extensão de suas aldeias (percebida mediante delimitação a partir de sua distribuição em superfície). No entanto, no decorrer do salvamento, foram encontrados alguns fragmentos pintados que remetiam à tradição Tupiguarani, bem como um fragmento de Tembeté, adorno labial tradicionalmente ligado aos índios tupis, mas também encontrados em sítios aratu.<sup>17</sup>

Embora seja evidente que as tradições arqueológicas não possam definir os grupos étnicos, sendo somente apreensões do ponto de vista do pesquisador, é possível que as relações entre povos indígenas de diferentes etnias ou línguas (no caso, povos de línguas jê e tupi) tenham resultado em diferenciações na cultura material deixada por esses povos, algumas vezes perceptíveis aos olhos dos arqueólogos, porém reinterpretadas no contexto científico e ocidental.

Ao contrário do Mogi-Guaçu, o rio Jacaré-Guaçu, afluente do Tietê pela sua margem direita, ainda não foi sistematicamente estudado do ponto de vista arqueológico. No entanto, o Tietê, pela sua importância no cenário hidrográfico brasileiro, já rendeu muitas pesquisas, que apontam um grande potencial arqueológico, sobretudo no que diz respeito aos povos ceramistas ligados à tradição Tupiguarani. O Projeto Tietê, que abrangeu os vales baixo e médio deste rio, iniciado nos anos 1970 pela construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira no rio Paraná, evidenciou uma grande quantidade de sítios arqueológicos cerâmicos e líticos. Maranca, Silva & Scabello<sup>18</sup> sugerem para a região um quadro homogêneo no tocante às populações ceramistas, tendo sido localizados muitos sítios com cultura material ligada aos povos tupis e apenas um, na cidade de Olímpia (sítio Maranata), ligado à tradição ceramista Aratu (geralmente atribuída aos povos de língua jê).

Nossas pesquisas no rio Jacaré-Guaçu poderão trazer para as discussões arqueológicas atuais mais informações sobre a bacia do Tietê, apresentando novos sítios cerâmicos com o objetivo de compará-los aos demais existentes na área desse grande rio e nas adjacências, como a área do médio Mogi superior.

### **A região: delimitação e aspectos geográficos<sup>19</sup>**

A macrorregião do projeto, cujos trabalhos arqueológicos realizados até hoje serão utilizados a fim de fazermos comparações com o material encontrado nas duas bacias hidrográficas escolhidas para a pesquisa, tem como limites naturais as margens dos rios Piracicaba, Tietê, Grande e Paraná, sendo suas áreas banhadas, ainda, pelas águas dos rios Pardo e Mogi-Guaçu [Fig. 1]. No que diz respeito aos aspectos físicos (geologia, geomorfologia, clima, vegetação), as duas microrregiões a serem pesquisadas possuem caracte-

rísticas bem parecidas, salvo algumas diferenças. Seus principais aspectos serão descritos a seguir.

As microrregiões do projeto estão divididas em áreas de duas bacias hidrográficas:

### **Médio Jacaré-Guaçu**

O médio Jacaré-Guaçu, afluente do Tietê pela sua margem direita, está inserido na bacia hidrográfica Tietê/Jacaré, Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos nº 13. Desta UGRHI, além do trecho do rio Tietê compreendido entre as usinas hidrelétricas de Ibitinga e de Barra Bonita, do Jacaré-Guaçu nos seus trechos alto, médio e baixo, faz parte também a bacia do Jacaré-Pepira, outro importante afluente do Tietê pela sua margem direita.

De acordo com o Relatório do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo,<sup>20</sup> a sub-bacia do médio Jacaré-Guaçu representa 9% do total da área desta UGRHI, tendo cerca de 1.065,67 Km<sup>2</sup>. Desta sub-bacia, fazem parte terras dos seguintes municípios: Araraquara, Boa Esperança do Sul, Ibaté, Ribeirão Bonito, São Carlos.

No que diz respeito à geologia da região, afloram na área da bacia hidrográfica do Tietê/Jacaré os “sedimentos clásticos predominantemente arenosos e as rochas ígneas basálticas do grupo São Bento (mesozóico da Bacia do Paraná), as rochas sedimentares do grupo Bauru (pertencentes à Bacia Bauru, do cretáceo superior) e os sedimentos cenozóicos representados pela formação Itaqueri e depósitos correlatos (das serras de São Carlos e Santana), pelos depósitos aluvionares associados à rede de drenagem, além dos coluviões e eluviões”.<sup>21</sup>

Segundo Setzer (1966), baseado na classificação climática proposta por Köeppen, há na bacia dois tipos climáticos:

- 1) Cwa: quente e úmido, com inverno seco, temperaturas médias superiores a 22 °C no mês mais quente e inferiores a 18 °C no mês mais frio.
- 2) Cwb: pequenas áreas com ocorrência deste tipo climático. Temperado úmido com estação seca. Temperatura média no mês mais quente inferior a 22 °C e, no mês mais frio, inferior a 18 °C.

No tocante à vegetação, a região caracteriza-se pela presença do cerrado, “um complexo de formações vegetais que apresenta fisionomia e composição florística variáveis: campestres (campo limpo), savânicas (campo sujo, campo cerrado e cerrado *stricto sensu*) e florestais (cerradão), formando um mosaico ecológico”.<sup>22</sup>

Quanto à sua implantação no espaço nacional, o cerrado encontra-se quase que totalmente em clima tropical, com exceção de sua borda sul, em altitudes moderadas de São Paulo e no sul de Minas (altitudes entre 1.000 m e 1.700 m), sofrendo efeito de leves geadas em noites de inverno. Ocorrendo principalmente na região Centro-Oeste, o cerrado é a segunda maior formação vegetal brasileira. No estado de São Paulo é “interrompido por outras formações vegetais, como nas proximidades de Campinas, Ribeirão Preto, Franca e Altinópolis”.<sup>23</sup>

No mapa geomorfológico confeccionado pelo IPT/FEHIDRO/CBH-TJ, podemos observar as seguintes ocorrências na região pesquisada: na margem esquerda do médio Jacaré-Guaçu, entre os córregos da Água Preta (Ribeirão Bonito) e Rancho Grande (Boa Esperança do Sul), as altitudes variam de 500 m a 688 m, com a predominância de morros amplos entrecortados por colinas médias entre a margem esquerda do córrego São João e a margem direita do córrego Ipê, predominando, nas margens deste último, escarpas festonadas. Entre o Rio do Peixe e o córrego Rancho Grande, há planícies fluviais em um terreno com pouca declividade para o rio Jacaré-Guaçu, como pudemos observar na etapa de levantamento de campo.

Já a margem direita do Jacaré-Guaçu, em seu médio curso, apresenta aspectos geomorfológicos diversos daqueles acima descritos. Desde o Ribeirão do Laranjal até o Córrego do Tanque, ambos em terras do município de Araraquara, a altitude varia de 500 m a 750 m. Do Córrego do Laranjal até próximo ao rio Chibarro, predominam as colinas médias, entrecortadas por colinas amplas e mesas basálticas. Do rio Chibarro até próximo ao Córrego do Tanque predominam as escarpas festonadas, havendo, em ambas as margens do rio Chibarro e Córrego das Cruzes, a ocorrência de planícies fluviais. Mais próximo ao Córrego do Tanque, tendo como limite do levantamento de campo a sua margem esquerda, predominam as colinas amplas.

### Médio Mogi superior

O rio Mogi-Guaçu nasce no estado de Minas Gerais, município de Bom Repouso, e sua bacia compreende as regiões sudoeste deste estado e nordeste de São Paulo. Juntamente com a bacia do Rio Pardo, foi subdividida em compartimentos econômico-ecológicos. A área da presente pesquisa está incluída no compartimento denominado médio Mogi superior, do qual fazem parte as cidades de Motuca, Guataparã, Luís Antônio, Rincão, Santa Lúcia, Américo Brasiliense, Descalvado e Santa Rita do Passa Quatro.

A nascente do rio Mogi-Guaçu, cujo nome significa “cobra grande” em tupi, está localizada no Morro do Curvado, em Bom Repouso, no Planalto Cristalino, e sua altitude média é de 1.650 m. No estado de Minas Gerais o rio percorre cerca de 95 Km, atravessando a Serra da Mantiqueira, para percorrer mais 377 Km em território paulista, no Planalto Central, desaguardando no Rio Pardo.

Quanto aos aspectos geológicos do rio Mogi, “em toda a parte leste afloram as rochas cristalinas do complexo Gnáissico-Migmatítico e do grupo Açungui, com vários corpos graníticos intrusivos. O restante de sua área corresponde à parte oriental da bacia geológica do Paraná e envolve boa parte da série estratigráfica da mesma, desde o carbonífero superior até o Cretáceo. A quase totalidade do leito do rio é constituída de basalto, que aflora em várias corredeiras, como em Salto do Pinhal, Cachoeiras de Cima, Cachoeiras de Baixo, Cachoeira de Emas e Escaramuça”.<sup>24</sup>

A bacia do Mogi, em toda a sua extensão, está implantada em quatro províncias geomorfológicas: Planalto Atlântico, Depressão Periférica, Cuestas Basálticas e Planalto Ocidental. A sub-bacia médio Mogi superior tem toda a sua extensão em área do Planalto Ocidental, localizando-se mais a oeste da bacia. O Planalto Ocidental é caracterizado por “grande uniformidade, o que confere certa monotonia ao relevo, com predomínio de baixas e amplas colinas, como a Serra do Jaboticabal. As altitudes oscilam entre 400 e 600 metros”.<sup>25</sup>

Segundo o Sistema Internacional de Köppen, na bacia do Mogi há quatro divisões climáticas, sendo a que predomina na área da pesquisa a de tipo Aw, que representa “um clima tropical com estação chuvosa no verão e seca no inverno. Esse tipo climático encontra-se no norte da bacia hidrográfica do Mogi-Guaçu. O

índice pluviométrico varia entre 1.100 e 1.300 mm e a estação seca nessa região ocorre entre os meses de maio e setembro, sendo julho o mês em que atinge a maior intensidade”.<sup>26</sup>

Segundo Brigante & Espíndola, a cobertura vegetal na área do Mogi-Guaçu é representada por diversos tipos de domínios fitoecológicos, sendo assim definidos: floresta estacional semidecidual (floresta tropical subcaducifólia), floresta ombrófila densa (floresta pluvial tropical), floresta ombrófila densa aluvial (floresta ciliar), cerrado (savana), cerradão. Na bacia do rio Mogi-Guaçu, atualmente, “encontra-se grande parte da vegetação de cerrado e cerradão legalmente passível de derrubada, o que diminuiria ainda mais o índice de cobertura vegetal na referida bacia”.<sup>27</sup> No médio Mogi superior, de forma específica, a maior área de mata nativa constitui-se em cerradão, seguido por cerrado e, por último, matas.<sup>28</sup>

### **O levantamento no médio curso do Jacaré-Guaçu**

A primeira etapa do levantamento de campo foi realizada no médio Jacaré-Guaçu e abrangeu áreas contidas nas cartas do IBGE (escala 1:50.000) de Araraquara e Boa Esperança do Sul. Em termos de divisão municipal, o levantamento cobriu áreas das margens esquerda e direita do referido rio que fazem parte de Araraquara, Boa Esperança do Sul e Ribeirão Bonito. Para a cidade de Araraquara, já tínhamos conhecimento de uma ocorrência lítica, próxima ao rio Chibarro (Coordenadas UTM E0782970/N7580116). Em Ribeirão Bonito, por meio de informação oral, já havíamos tomado conhecimento de uma ocorrência lítica (pedra-de-raio/polida) em Guarapiranga (distrito de Ribeirão Bonito) e no Morro da Figura, local amplamente conhecido pelos moradores da cidade e que, segundo eles, contém inscrições nos paredões e material lítico. Em Boa Esperança do Sul, também mediante informação oral, já sabíamos da existência de material cerâmico em Pedra Branca, bairro de onde, segundo informantes, foram tiradas, na década de 1960, algumas igaçabas contendo ossos.

O método de abordagem da área escolhido para esta etapa foi o de coleta de informação oral com os moradores da área rural e visita a locais prováveis de se encontrar sítios arqueológicos, como afloramentos rochosos (sobretudo arenito), cascalheiras (próximas

aos rios) e confluências de afluentes com o rio principal. Estabelecemos previamente alguns pontos nas cartas do IBGE distantes 1 Km entre si, que se encontram na meia-encosta. Também, quando foi possível, caminhamos pelas margens dos afluentes cerca de 2 Km em direção à cabeceira, pois o material cerâmico de que previamente tomamos conhecimento na bacia do Jacaré-Guaçu (em Pedra Branca) fica a cerca de 3,5 Km deste rio, na margem esquerda do córrego Mandaguari.

Nessa etapa do trabalho, optamos por não fazer levantamento sistemático, pois os sítios cerâmicos geralmente são superficiais e, sobretudo em locais de culturas, onde o arado é utilizado, podemos observar bem a distribuição do material, apesar da relativa destruição causada pelo arado. Quanto aos sítios líticos, também podem ser observados em superfície, em cascalheiras próximas aos rios ou afloramentos de matéria-prima, como o arenito.

A abordagem aos moradores da área rural procurou levar em consideração o conhecimento que eles têm do material arqueológico. Portanto, é muito comum que as pessoas do campo ou que já tenham trabalhado com o solo refiram-se à cultura material que pesquisamos como “pote de índio” (potes de cerâmica inteiros), “louça antiga” (cacos de cerâmica), “pedra-de-raio” ou “pedra de corisco” (lâminas de machado polidas), “terra de índio” ou “terra preta” (solo escuro antropogênico geralmente existente em sítios cerâmicos).

No decorrer do trabalho, tivemos algumas dificuldades para chegar aos locais pré-estabelecidos. A maior dificuldade, que inviabilizou a chegada a alguns pontos interessantes, foi a existência de muitas fazendas de plantação de laranja, onde a entrada é proibida, pois há a necessidade de controle das doenças em frutas cítricas, como, por exemplo, o cancro cítrico e o amarelinho. Além dos laranjais, muitas fazendas de cana ainda não haviam feito o corte nas plantações, fato que, em muitos casos, possibilitou a observação do solo somente ao longo dos carreadores existentes para o tráfego de caminhões de cana-de-açúcar na época do corte. Os locais que possibilitaram maior visibilidade para a equipe foram áreas de pastagem com erosões, locais de passagem do gado (que deixa a terra exposta), terra arada, cana baixa e média, plantações de pequeno porte, como o amendoim, e plantações de subsistência.

Em local próximo ao Córrego do Pavão, coletamos algumas informações orais para serem verificadas posteriormente, pois se referiam a áreas que não fazem parte desta etapa da pesquisa. Por exemplo, uma informante contou que, na fazenda Santa Lourdes, próxima ao Córrego do Tamanduá, em Ribeirão Bonito, há “pedra-de-raio”. Outros dois informantes disseram que, na represa da Fazenda das Flores, em São Carlos, há ocorrência de “pedra-de-raio”. Algumas pessoas disseram também haver inscrições rupestres no Morro da Figura (Ribeirão Bonito) e em outro morro, entre Boa Esperança do Sul e Bocaina, na fazenda Diamante, próxima ao rio Jacaré-Pepira, outro afluente do Tietê. Tais informações foram registradas para serem posteriormente verificadas.

Apresentamos, a seguir, uma descrição sumária dos quatro sítios cerâmicos encontrados na etapa de levantamento no Jacaré-Guaçu. A lista completa dos sítios arqueológicos e ocorrências isoladas encontra-se na Tabela I.

- Margem direita do córrego São João, município de Ribeirão Bonito: local com cana média e baixa e pouca declividade para o rio principal. No segundo ponto do córrego São João, encontramos material cerâmico, caracterizando o sítio São João (Sigla SJO), nome dado em homenagem ao córrego. O sítio fica no limite de duas fazendas e sua maior porção fica nas terras do Sr. Eurico Fernandes, proprietário do Sítio Estrela. O sítio arqueológico encontra-se a cerca de 450 m do córrego São João e cerca de 1,5 Km do rio Jacaré-Guaçu. Evidenciamos ao menos quatro concentrações cerâmicas, com muitos fragmentos espessos e finos, algumas bordas e muitos calibradores em arenito rosa [Fig. 2]. Há muito material liso, sem decoração, mas há também material pintado, como, por exemplo, uma borda fina, provavelmente de um pequeno vaso. Neste fragmento, a decoração foi feita em branco e vermelho. Não conseguimos evidenciar fragmentos com decoração plástica (corrugado, unglado, escovado). A cerâmica encontra-se bem frágil, mas pudemos evidenciar engobo vermelho e branco. No sítio há também material lítico (lascas em arenito, sílex, um raspador em sílex com acabamento e calibradores em arenito). Conseguimos evidenciar um pequeno fragmento polido em basalto quebrado, podendo

se tratar de um polidor. No entanto, suas formas sugerem a ponta de um machado semilunar, artefato ritual geralmente atribuído às populações jê e, no que diz respeito à Arqueologia, encontrado em sítios das tradições Itararé e Aratu [Fig. 3]. O sítio encontra-se em área de cultura de cana em três fases, baixa, média e alta, e uma porção está em área de pastagem. Pudemos observar na massa da cerâmica a existência de areia fina, grossa e fragmentos de origem vegetal (cariapé) como antiplásticos.

- Margem esquerda do córrego Mandaguari, próximo ao bairro rural Pedra Branca, pertencente ao município de Boa Esperança do Sul. Já havíamos tomado conhecimento de um sítio arqueológico mediante informação oral. Moradores de Boa Esperança e Pedra Branca informaram que, há cerca de trinta anos, quando construíram um pequeno dique no córrego Mandaguari, foram extraídas do local muitas urnas, algumas delas contendo ossos. O Sr. Nelson Neves, residente em Boa Esperança e que trabalhava no local à época, doou para o Museu Municipal de Araraquara, por nosso intermédio, uma pequena cuia de cerâmica, sem decoração, e uma lâmina de machado polida que, segundo ele, foram extraídas do local juntamente com as igaçabas. Destas, porém, não sobrou mais nada, pois os tratores as quebraram em muitos pedaços. Denominamos esse sítio arqueológico Mandaguari (sigla MDG). O sítio encontra-se a 150 m do córrego que originou seu nome e cerca de 3,5 Km do Jacaré-Guaçu. Área de pouca declividade para o córrego Mandaguari, a ocupação do solo atualmente é para o plantio de cana, cujas terras da propriedade, fazenda São Luís, do Sr. Fernando Tanuri, foram arrendadas para a usina Zanin. No momento da vistoria, a porção norte do sítio encontrava-se com cana média, enquanto sua maior porção está em área cujo corte da cana foi feito há pouco. Pudemos observar no local uma cerâmica já bastante fragmentada pelo trabalho do arado: alguns cacos finos e espessos sem decoração [Fig. 4], uma parte da carena de um pote (com pintura vermelha), um fragmento pintado (com decoração em preto, branco e vermelho) e alguns blocos de arenito vermelho. Não fizemos a delimitação da área do sítio, deixando este procedimento para etapas posteriores.

- A uma distância de 920 m do sítio arqueológico Mandaguari, descendo o córrego de mesmo nome em direção ao rio Jacaré-Guaçu, encontramos outro sítio cerâmico, denominado sítio arqueológico da Barrinha (sigla BRR), por ficar em propriedade homônima. O material arqueológico encontra-se em local de cana baixa, no sítio Santana da Barrinha A, propriedade de Luís Colin Filho. No local, pudemos observar uma concentração cerâmica, em sua maioria cacos lisos (sem decoração) e um caco com decoração plástica corrugada. Também fizemos a coleta de uma pequena lâmina polida, provavelmente utilizada a sua base como percutor, pois há nela marcas de uso. Não fizemos a delimitação do sítio, deixando essa tarefa para uma etapa posterior. O sítio encontra-se a cerca de 250 m do córrego Mandaguari e 2,25 Km da confluência do córrego Rancho Grande com o Jacaré-Guaçu, em terreno de pouca declividade em direção ao córrego.
- A uma distância de 2,5 Km do sítio arqueológico da Barrinha, descendo o córrego Mandaguari, que neste trecho assume o nome de Rancho Grande na carta do IBGE, na área de confluência entre este córrego e o rio Jacaré-Guaçu, encontramos material cerâmico nos carregadores de cana [Fig. 5]. Este sítio arqueológico foi denominado Rancho Grande (sigla RGR). Devido ao fato de a cana estar alta, quase na época do corte, não pudemos fazer a delimitação das ocorrências. No entanto, os fragmentos encontrados na estrada sugerem uma alta densidade de material arqueológico. Os cacos de cerâmica que pudemos observar não têm decoração (superfície lisa). Também encontramos um seixo alisado, sugerindo um polidor de cerâmica, e algumas ferramentas em arenito vermelho. Mais adiante, caminhando pelos carregadores da parte sudeste do sítio, pudemos observar uma cerâmica com traços indígenas menos evidentes (o tipo de queima, por exemplo). Os trabalhos em laboratório após a escavação do sítio e a datação por termoluminescência poderão nos trazer subsídios para confirmar a primeira constatação, de que esta cerâmica seja da época do primeiro contato entre índios e não-índios. O sítio encontra-se a 200 m do rio Jacaré-Guaçu, na fazenda São Manuel, propriedade da Sra. Maria Luiza Travassos.

### **O levantamento no médio curso do Mogi-Guaçu (médio Mogi superior)**

A segunda etapa do levantamento de campo foi realizada no médio curso do Mogi-Guaçu e abrangeu áreas contidas nas cartas do IBGE (escala 1:50.000) de Porto Pulador e Rincão. Posteriormente, mediante informação oral colhida em campo, identificamos um sítio arqueológico cerâmico no município de Motuca (Carta IBGE de Guariba, escala 1:50.000), ampliando a nossa área de pesquisa. A região de Motuca também faz parte da área abrangida pelo curso médio-superior do rio Mogi-Guaçu.

Em termos de divisão municipal, o levantamento cobriu áreas da margem esquerda do referido rio que fazem parte dos municípios de Rincão, São Carlos e Motuca. Um dos sítios encontra-se muito longe do rio Mogi-Guaçu, no Anhumas, um afluente que banha vários municípios, dentre eles Américo Brasiliense. O sítio arqueológico (que foi chamado de Anhumas II) encontra-se em terras deste município.

O levantamento na margem direita do rio principal abrangendo áreas dos municípios de Guataparã e Luís Antonio não foi executado nesta etapa. Centramos atenção somente nos afluentes da margem esquerda, pois a área para a cobertura do levantamento é vasta, apesar do número reduzido de afluentes. Estes são mais distantes entre si do que aqueles pesquisados na etapa de levantamento no Jacaré-Guaçu. Em linha reta, o curso do Mogi-Guaçu neste trecho escolhido para a pesquisa é de cerca de 20 Km. No entanto, cabe ressaltar que, nesta porção do seu curso, o Mogi-Guaçu assume aspectos de um rio cheio de meandros. Segundo barqueiros que encontramos na área, esse trecho entre o Córrego do Rancho Queimado e o Ribeirão das Guabiobas tem, em média, 40 Km de navegação.

Embora o método de abordagem tenha sido o mesmo da etapa do Jacaré-Guaçu (coleta de informação oral, visita a locais prováveis de se encontrar vestígios arqueológicos, como afloramentos rochosos, cascalheiras, confluências de rios), tivemos melhores resultados na coleta de informação com os moradores da área rural. Da mesma forma que na etapa anterior, estabelecemos previamente alguns pontos nas cartas do IBGE, distantes cerca de 1 Km entre si. Também, quando foi possível, caminhamos pelas margens dos afluentes cerca de 2 Km em direção à sua cabeceira.

Não optamos pelo levantamento sistemático, com abertura de poços-teste, pois a área que pudemos observar é, quase que em sua totalidade, utilizada para o cultivo da cana-de-açúcar, o que facilitou a visualização do material em campo. Isso, é claro, sem contar as áreas cujas atividades econômicas principais são a extração de areia e argila.

Observamos algumas diferenças com relação à área levantada no Jacaré-Guaçu. Em primeiro lugar, tivemos dificuldades em encontrar sítios mais próximos ao rio principal, devido à total transformação da paisagem por atividades econômicas que degradam o meio ambiente, sobretudo extração de argila e areia. Os locais que tivemos acesso evidenciaram uma destruição do meio que vem acontecendo, em alguns casos, há vinte anos. Neste empreendimento, muitos sítios arqueológicos já foram, com certeza, totalmente destruídos, visto que em muitos lugares não encontramos senão grandes crateras devido à extração de areia.

Em um trecho do Jacaré-Guaçu encontramos a mesma situação, no que diz respeito à topografia. Muitos sítios, neste caso, foram encontrados ao longo dos afluentes, dando a idéia de que as populações, ao encontrar tal configuração topográfica, subiam os rios menores em busca de local propício para construir suas aldeias. Por outro lado, sítios foram encontrados em outros locais, nos quais o terraço aproxima-se mais do leito do rio, não se interpondo aos dois um grande banhado. Este é o caso dos sítios Santo Antônio, em Motuca (etapa do Mogi-Guaçu), que descreveremos mais adiante, e Rancho Grande, em Boa Esperança do Sul (etapa do Jacaré-Guaçu), anteriormente descrito.

Embora as atividades econômicas encontradas nesse trecho do Mogi-Guaçu sejam muito nocivas ao meio ambiente e, por extensão, ao patrimônio arqueológico, elas fazem com que as pessoas tenham uma relação mais íntima com o ambiente hidrográfico. Há muitas histórias de trabalhadores que, por extraírem areia do leito do rio, já encontraram coisas “antigas”, dentre elas muito material arqueológico. Foram citadas principalmente “pedras-de-raio” e “pontas de flecha”.

Desta forma, assim como os agricultores, esses trabalhadores fornecem informações valiosas sobre locais onde podemos encontrar vestígios arqueológicos. O problema encontrado é que, por saírem do leito do rio, tais vestígios podem ter vindo de outros lugares. No

entanto, a simples menção a córregos e localidades pode nos auxiliar na busca por sítios arqueológicos, o que de fato ocorreu com alguns informantes que encontramos ao longo dessa etapa de levantamento. Um estudo de História oral e memória nessas populações que vivem de várias atividades ligadas ao rio Mogi-Guaçu certamente renderia informações preciosas sobre as transformações das visões sobre o material arqueológico. Isso poderia ser feito a partir da apreensão desse universo material do passado resgatado do leito do rio ou encontrado nos locais de atividades agrícolas.

Algumas informações orais coletadas não puderam ser verificadas devido ao tempo disponível para a pesquisa, tendo em vista a distância que ainda teríamos que percorrer. No entanto, as informações estão registradas e, mesmo que não sejam verificadas nessa etapa da pesquisa, poderão servir para futuros pesquisadores que se interessem pela área e pela ampliação das investigações que ora iniciamos.

Por exemplo, nessa etapa entrevistamos o Sr. Pedro, que trabalha em local de extração de areia em terras pertencentes a Rincão, margem esquerda do Mogi-Guaçu, próximo à SP 255, rodovia que liga Araraquara a Ribeirão Preto. Trabalhando há muito tempo na região, o Sr. Pedro forneceu algumas informações que podem atestar a relação das pessoas do local com as coisas “antigas” que são encontradas próximas ao Mogi-Guaçu. Mesmo que as informações não sejam precisas, nos dão uma idéia dos locais que poderão posteriormente receber uma maior atenção. Todos os locais citados pelo informante encontram-se mais distantes da calha do rio Mogi, o que nos levou a não priorizar a busca, já que havíamos estabelecido, em carta, os pontos a serem verificados mais próximos à drenagem principal.

No tocante à ocorrência de material arqueológico ou alguns fenômenos ligados a ele, o Sr. Pedro citou a fazenda São João, na Estação do Ouro (ponta de flecha), rio Cabaceiras, afluente do Mogi-Guaçu pela sua margem esquerda (“bola de fogo”),<sup>29</sup> fazenda Cachangal (senzala), Fazenda do Redondo (potes antigos) e Morro Chato, na Fazenda do Redondo (possivelmente arte rupestre). O Morro Chato já foi citado por vários moradores da localidade, em trabalhos anteriores realizados por nós para outras pesquisas. No entanto, ainda não fomos verificar a informação, devido à dificuldade de acesso.

Outra informação coletada refere-se a um local com potes de barro em Motuca, possivelmente relacionado ao sítio arqueológico Santo Antonio, também encontrado mediante informação oral. Segundo o Sr. Antonio, proprietário das terras onde encontramos o sítio arqueológico Santo Antonio, este local supracitado, onde poderemos encontrar mais um sítio arqueológico, pertence às terras do Sítio Bem-te-vi, propriedade do Sr. Mateus Voltarel, no Córrego do Bem-te-vi, que desemboca no Ribeirão do Bonfim, importante afluente do Mogi-Guaçu pela sua margem esquerda, no município de Motuca. Ao observarmos a carta do IBGE de Guariba, na qual estão as terras de Motuca banhadas pelo rio Mogi-Guaçu, constatamos que existe um córrego do Bem-te-vi que, no entanto, desemboca no Ribeirão do Lajeado, que por sua vez desemboca no Ribeirão do Bonfim. A informação está registrada, aguardando posteriores idas a campo.

O Sr. Irineu Rapatoni, de Rincão, também informou a existência de mão-de-pilão no sítio Japarutuba, em Motuca, mas não soube precisar o nome do córrego no qual este material foi encontrado. As outras informações orais obtidas nesta etapa de levantamento foram verificadas e, como encontramos material arqueológico, serão resumidas abaixo (lista completa de sítios e ocorrências desta etapa em Tabela II).

- Na margem esquerda do rio Mogi-Guaçu, em terras pertencentes ao município de Rincão, entre os córregos Rancho Queimado e São José, encontramos material cerâmico. Denominamos o achado sítio São José, cuja sigla é SJS. Trata-se de área cuja utilização do solo é para o cultivo de cana-de-açúcar, que estava muito alta e dificultou uma melhor visualização dos vestígios em superfície. Todo o material cerâmico que conseguimos visualizar estava muito fragmentado, havendo pouco material a ser observado, certamente devido à destruição do sítio causada pelo arado. Conseguimos identificar alguns fragmentos pouco espessos de borda com engobo branco e decoração plástica do estilo corugado, alguns fragmentos de parede de vaso com pintura em vermelho sobre engobo branco, assim como fragmentos sem pintura e decoração. Todo esse material foi observado no carreador entre a plantação de cana, mas pudemos constatar material em superfície também dentro do canavial. O

sítio encontra-se no início do terraço, em área de pouca declividade em direção ao rio Mogi-Guaçu. Há, entre o local do sítio e o rio, uma planície de inundação de 1.750 m. A distância do sítio para o Córrego do Rancho Queimado é de 2.250 m e, para o córrego São José (daí o nome do sítio), 1.700 m. Encontra-se em uma área de morros amplos, cujas altitudes variam de 537 m a 553 m.

- Margem direita do Ribeirão das Anhumas:
- este córrego, por sua extensão, é considerado um importante afluente do rio Mogi-Guaçu, banhando áreas dos municípios de Rincão, Santa Lúcia, Américo Brasiliense e Araraquara. Muitos informantes citaram o Ribeirão das Anhumas como uma área interessante para a ocupação de povos indígenas do passado. Os principais aspectos favoráveis que alguns informantes levantaram foram, sobretudo, a caça e a pesca, abundantes até recentemente, na década de 1970. Muitas das informações orais que obtivemos, sobretudo aquelas do Sr. Pedro, supracitadas, estão em áreas que são banhadas pelo Ribeirão das Anhumas e seus afluentes. Em etapa de levantamento anterior (2003), encontramos um fragmento de cerâmica indígena na margem direita do Anhumas. Na época, não sabíamos que esse fragmento se encontrava bem próximo a um sítio cerâmico conhecido desde a década de 1970, que é o sítio Rapatoni (margem esquerda do Ribeirão das Anhumas), o qual localizamos e registramos na etapa de levantamento do nosso projeto e descreveremos mais adiante.

Ainda na margem direita do Ribeirão das Anhumas, em terras pertencentes à fazenda Santo Antonio, município de Rincão, arrendadas para a usina Santa Cruz para o plantio de cana, localizamos um sítio arqueológico que denominamos Sítio Anhumas I, cuja sigla é ANH1. O material encontrado são fragmentos de cerâmica espessos, um caco pintado em vermelho e preto sob engobo branco [Fig. 6], constituindo a borda de um grande pote, outro fragmento de borda com decoração que lembra incisões feitas com as unhas [Fig. 7], e muitos outros cacos de cerâmica lisa, sem decoração plástica ou pintura.

O sítio arqueológico encontra-se em área de plantio de cana e, no momento do achado, a terra estava sendo arada, o que facilitou a visualização do

material. Pela dimensão dos cacos visualizados em superfície, acreditamos que esse sítio tenha, até o momento, um grau de destruição bem menor do que o anteriormente descrito (sítio São José – SJS), o que poderia ser interessante para uma futura escavação.

O sítio Anhumas I encontra-se a 450 m do Ribeirão das Anhumas, em sua margem direita, e a 1.700 m da confluência deste ribeirão com o Mogi-Guaçu. No entanto, em linha reta, a distância entre o local do sítio e o Mogi-Guaçu é de 1.100 m. O local é um terraço com pouca declividade para o Ribeirão das Anhumas, com a presença de morros amplos de pouca altitude, cuja parte alta mais próxima não ultrapassa 565 m de altitude.

Na margem esquerda do Ribeirão das Anhumas, subindo-o em direção à sua cabeceira, em área da usina Santa Cruz, encontramos material cerâmico em área de cana. Como a cana estava alta só pudemos observar alguns fragmentos bem pequenos, dando a impressão de ser um sítio arqueológico já bem impactado pelos trabalhos do arado. A delimitação da área e a eventual confirmação de que se trata realmente de um sítio destruído só será possível em etapa posterior, quando a cana já estiver cortada. Apesar da cana alta, observamos alguns fragmentos igualmente pequenos no interior da plantação. O local foi denominado sítio arqueológico Anhumas II (sigla ANH II).

Os fragmentos de cerâmica que encontramos são todos lisos, sem decoração plástica ou pintura. O sítio arqueológico Anhumas II fica em terras do município de Américo Brasiliense, próximo à rodovia SP 255, que liga Araraquara a Ribeirão Preto. Fica também próximo ao Clube Náutico de Araraquara, que utiliza as águas do Ribeirão das Anhumas. Fica a 150 m deste ribeirão e a cerca de 12 Km da confluência do Anhumas com o rio Mogi-Guaçu. Está implantado próximo à área de várzea do ribeirão, no início do terraço.

Para essa etapa de campo no Mogi-Guaçu, tínhamos a intenção de localizar um sítio arqueológico conhecido desde a década de 1970. Há, no Museu Municipal de Araraquara, uma urna funerária policrômica [Fig. 8] proveniente deste sítio e, à época de sua descoberta, houve grande interesse neste material. Por tratar-se do primeiro sítio arqueológico encontrado na região, tínhamos o interesse de localizá-lo para fazer o

seu registro e prosseguir com investigações arqueológicas para retirar mais informações do material.

Fizemos contato com o filho do antigo proprietário, Sr. Irineu Rapatoni, que nos forneceu algumas informações importantes referentes ao sítio e a sua descoberta. O Sr. Irineu contou-nos que o material cerâmico foi encontrado na fazenda Bom Retiro (antiga propriedade de seu pai, Sr. João Rapatoni) quando aravam pela primeira vez a terra. Disse, ainda, que, quando a terra estava nua ou a plantação ainda baixa, conseguiam avistar, de cima de um morro, as manchas negras na terra que as pesquisadoras do Museu Paulista haviam dito serem marcas de antigas cabanas dos índios. Hoje em dia, infelizmente, não é mais possível observar tais detalhes, já que a terra vem sofrendo a ação do arado desde aquela época (década de 1970).

Localizamos, desta forma, o sítio e o denominamos sítio arqueológico Rapatoni (sigla RPT). Não pudemos delimitar a área do sítio, pois a cana estava alta. O sítio arqueológico Rapatoni encontra-se na margem direita do Ribeirão das Anhumas, em terras pertencentes ao município de Rincão, bem próximo a uma ponte quebrada da antiga estrada que ligava Ribeirão Preto a Rincão. Hoje, outra estrada foi construída e encontra-se mais à direita do local do sítio. A distância do sítio arqueológico para o Ribeirão das Anhumas é de 650 m, e do sítio para o rio Mogi-Guaçu, 2.100 m. Está implantado em área com uma declividade média para o Ribeirão das Anhumas, quase no topo da colina, que tem uma altitude máxima de 570 m. Pudemos observar em seu local muitos fragmentos de cerâmica, todos sem decoração plástica [Fig. 9].

Subindo o rio Mogi-Guaçu, já em terras pertencentes a São Carlos, em área entre o Ribeirão das Guabiobas e o Ribeirão das Araras, encontramos material cerâmico em um sítio arqueológico que denominamos Itauarama (sigla ITA). Neste sítio, há cerâmica lisa [Fig. 10], mas também encontramos um fragmento espesso com decoração plástica no estilo corrugado. Pudemos notar, também, nas paredes de outro fragmento espesso de cerâmica, caco moído como antiplástico. Não pudemos delimitar a área da ocorrência pelo fato de a cana estar alta. Segundo o proprietário da fazenda Itauarama, onde se localiza o sítio arqueológico, as terras estão arrendadas para a usina Santa Cruz, para o plantio de cana-de-açúcar.

O sítio encontra-se em terraço com pouca declividade para o rio Mogi-Guaçu, cuja altitude não ultrapassa 532 m. A distância do rio é de 1.450 m. Segundo a carta de Porto Pulador confeccionada pelo IBGE (escala 1:50.000), o sítio estaria a 150 m de uma pequena drenagem, hoje inexistente. O acesso ao local do sítio se dá a partir da SP 255, sentido Ribeirão Preto, entrando à direita pela vicinal que vai até o distrito de Taquaral (pertencente a Rincão). A avaliação da situação do sítio será possível quando a cana for cortada, pois o seu tamanho não permitiu uma melhor visualização do material em superfície.

Em conversa com moradores da área rural próxima ao Ribeirão das Anhumas, tomamos conhecimento de outro local de sítio arqueológico cerâmico, em terras de Motuca. Segundo uma informante, em sítio que era de sua família foram retiradas, há cerca de vinte anos, muitas peças de cerâmica (potes de vários tamanhos), assim como lâminas de machado. Fomos ao local e encontramos os vestígios, que denominamos sítio arqueológico Santo Antônio (sigla SAT). Esse sítio atualmente é propriedade do Sr. Antonio, residente em Motuca. Sua propriedade divide-se em área para criação de animais (de várias espécies) e uma área maior para o plantio de cana, na qual está localizado o sítio arqueológico. Encontramos nos carregadores de cana (que estava alta) grande quantidade de fragmentos cerâmicos lisos, sem decoração plástica ou pintura, cujo antiplástico, bem visível, é constituído por cariapé [Fig. 11].

De acordo com a delimitação dos achados em superfície feita por meio de caminhada nos carregadores de cana, pudemos perceber que os fragmentos têm uma ampla distribuição, diferentemente dos sítios encontrados até o momento. Observamos fragmentos em superfície em uma área de aproximadamente 250 m x 250 m, cuja distância do rio Mogi-Guaçu é de 450 m. Próximo ao sítio há o Ribeirão do Bonfim, a uma distância de 350 m. O sítio, portanto, fica em área próxima à confluência deste ribeirão com o rio Mogi-Guaçu.

### **Continuando o trabalho**

A pesquisa em andamento (que teve seus dois primeiros momentos apresentados neste artigo) tem como objetivo principal, por meio da elaboração e execução de todas as etapas tradicionalmente existentes no trabalho arqueológico (levantamento, escavação, labo-

ratório), criar subsídios para a complementação desses estágios anteriores a partir de uma proposta de educação patrimonial na região de Araraquara. Todo o trabalho está sendo conduzido de forma a viabilizar a transformação do conhecimento de um passado indígena e sua relação com os povos atuais, tornando relevante para a sociedade nacional esse passado, geralmente deixado de lado,<sup>30</sup> e repensando as relações entre identidade étnica e nacional, vistas tradicionalmente como opostas.<sup>31</sup>

A educação patrimonial, objetivo primordial da pesquisa, busca atuar nos mais diferentes setores sociais e atingir um público amplo, por meio de palestras, minicursos para professores, montagem de exposição, apresentação de resultados parciais para a comunidade científica em artigos, simpósios, encontros, elaboração de publicação (sobre o passado indígena da região) voltada para professores do ensino fundamental, elaboração de tese de doutoramento sobre o material arqueológico da região.

Em nível teórico, priorizamos o estudo do papel que a cultura material assume no imaginário da sociedade, apesar de suas transformações (mitos transformados em crenças e contos populares). Tais apreensões podem trazer informações, mesmo que multifacetadas, sobre a visão que a sociedade nacional tem, hoje, dos povos indígenas que viveram na região de Araraquara. Os trabalhos de campo e o contato com a comunidade da região de Araraquara revelaram um grande potencial de pesquisa nesse sentido. Levar em conta o discurso que as pessoas da comunidade proferem sobre os sítios arqueológicos pode auxiliar na construção de um indígena “pré-histórico” mais ligado ao que denominamos História nacional. Trabalhos futuros ou em andamento, coleta sistemática de material e análises laboratoriais, conjugados à educação patrimonial decorrente da proposta de pesquisa buscam esse objetivo.

### **Agradecimentos**

Agradecemos aos pesquisadores e estudantes que participaram das etapas de levantamento do projeto realizado em Araraquara: Robson A. Rodrigues, Dulcelaine Nishikawa, Fábio Húngaro Karam, Rafael de Abreu e Souza, Paulo Lima, Thiago Ribeiro Pereira. Agradecemos, também, a Virgínia C. F. de Gobbi, diretora do Museu Municipal de Araraquara, pelo apoio em todas as etapas da pesquisa.

- <sup>1</sup> Pesquisa realizada com Auxílio à Pesquisa da FAPESP, processo 04/00506-2.
- <sup>2</sup> Cf. Pedro Paulo A. Funari, Charles E. Orser Jr, Solange Nunes Oliveira Schiavetto. *Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2005, processo FAPESP 04/05273-6.
- <sup>3</sup> Cf. Pedro Paulo A. Funari, Andrés] Zarankin, Emily Stovel. *Global Archaeological Theory*, New York: Kluwer / Fapesp, 2005, processo Fapesp 03/12576-2.
- <sup>4</sup> Cf. Solange Nunes Oliveira Schiavetto. *A Arqueologia guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2003, Processo Fapesp 2002/07184-5.
- <sup>5</sup> Cf. Pedro Paulo A. Funari. "Public archaeology in Brazil". In *Public Archaeology*, edited by Nick Merriman. London and New York: Routledge, 2004, 200-12.
- <sup>6</sup> MANO, Marcel. "Os campos de Ara coara: um ensaio de perspectiva etno-histórica". *Revista Uniara*. Araraquara (SP), 3:13-37, 1998.
- <sup>7</sup> É importante frisar que, neste trabalho, utilizamos as designações adotadas pelo Pronapa (como, por exemplo, as tradições arqueológicas), para uma melhor compreensão do quadro arqueológico visualizado a partir de tal nomenclatura. No entanto, esta pesquisa não adere ao modelo pronapiano e não tem como objetivo discutir interação a partir dos modelos fossilizados de cultura que a Arqueologia brasileira tem abarcado no decorrer de sua história.
- <sup>8</sup> BROCHADO, José P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern south America*. Chicago: University of Illinois, Tese de Doutorado, 1984.
- <sup>9</sup> MANO, 1998, Op. cit.; MANO, Marcel. *Os campos de Araraquara: um estudo de história indígena no interior paulista*. Tese de doutoramento, IFCH / Unicamp, 2006.
- <sup>10</sup> CALDARELLI, Solange B. Projeto: Prospecção arqueológica na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão 138 Kv SE Pirangi – Usina Colombo (SP). São Paulo, *Scientia*, Nov./2003a. CALDARELLI, Solange B. Projeto: Prospecção Arqueológica na Faixa de Duplicação da Rodovia Armando Sales de Oliveira (SP 322), Km 356 a Km 390 +500. São Paulo, *Scientia*, Nov./2003b. CALDARELLI, Solange B. Aldeias Tupi-Guarani no vale do Mogi-Guaçu, estado de São Paulo, Brasil. *Revista de Pré-História*. 5:27-124, 1983. GODOY, Manuel P. de. Los extinguidos Paingüá de las cascadas de Emas. Córdoba. Universidad Nacional de Córdoba / Instituto Dr. Pablo Carrera, Publicação 14, 1946. MORAES, Camila A. Reexaminando a "Tradição Tupiguarani" no Nordeste do Estado de São Paulo. *Anais do XIII Congresso de Arqueologia Brasileira*. CD Rom, Campo Grande, 2005. MORAIS, José L. Salvamento arqueológico na área de influência da PCH Moji-Guaçu. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. MAE / USP, 5:77-98, 1995. PALLESTRINI, Luciana. Cerâmica há 1.500 anos, Moji-Guaçu. *Revista do Museu Paulista*. 28:115-129, 1981/82.
- <sup>11</sup> CALDARELLI, 1983, Op. cit.
- <sup>12</sup> MORAES, 2005, Op. cit.
- <sup>13</sup> ALVES, M. A. & CALLEFFO, Myriam V. "Sítio Água Limpa, Monte Alto, São Paulo". *Revista do MAE*. n. 6, 1996.
- <sup>14</sup> GODOY, 1946, Op. cit.
- <sup>15</sup> CALDARELLI, 2003b, Op. cit.
- <sup>16</sup> MORAIS, 1995, Op. cit.
- <sup>17</sup> BROCHADO, 1984, Op. cit.
- <sup>18</sup> MARANCA, Sílvia, SILVA, André & SCABELLO, Ana Maria. "Projeto oeste paulista de Arqueologia do baixo e médio vale do rio Tietê". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. MAE / USP, 4:223-226, 1994.
- <sup>19</sup> Sobre a Arqueologia dos assentamentos, com discussão e referências, cf. Pedro Paulo A Funari, O sistema de assentamento microregional em La Campana em época romana, *História*, 5/6, 85-96, 1987; O assentamento microregional em La Campana em época romana, *História*, 7, 47-60, 1988. *Letras e coisas: ensaios sobre a cultura romana*. Campinas, IFCH/UNICAMP, 2002.
- <sup>20</sup> Instituto de Pesquisas Tecnológicas. *Diagnóstico da situação atual dos recursos hídricos e estabelecimento de diretrizes técnicas para a elaboração do Plano da Bacia Hidrográfica do Tietê/Jacaré – Relatório Final*. 152 pp. 1999.
- <sup>21</sup> *Ibidem*.
- <sup>22</sup> *Ibidem*.
- <sup>23</sup> *Ibidem*, p. 43.
- <sup>24</sup> BRIGANTE, Janete & ESPÍNDOLA, Evaldo L. G. (Eds.). *Limnologia fluvial: um estudo no rio Mogi-Guaçu*. São Carlos (SP): RIMA, 2003, p. 4.
- <sup>25</sup> BRIGANTE, Janete & ESPÍNDOLA, Evaldo, 2003, Op. cit., p. 5.
- <sup>26</sup> CBH-Mogi / CREUPI. Diagnóstico da bacia hidrográfica do rio Mogi-Guaçu "Relatório Zero". 219 pp. Agosto de 1999.
- <sup>27</sup> BRIGANTE, Janete & ESPÍNDOLA, Evaldo, 2003, Op. cit., p. 9.
- <sup>28</sup> CBH-Mogi / CREUPI 1999, Op. cit., p. 52.
- <sup>29</sup> Neste caso, o informante poderia estar se referindo ao fenômeno natural conhecido como fogo-fátuo. Já notamos que muitas pessoas que vivem no campo e conhecem material arqueológico fazem referência a esse tipo de fenômeno geralmente ocorrendo no mesmo lugar onde descrevem que há "pedras-de-raio" e "potes de índio". De fato, ao observarmos os mitos indígenas, sobretudo os mitos tupis descritos por alguns viajantes e analisados por Alfred Métraux (MÉTRAUX, Alfred. *A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guarani*. 2. ed, Brasileira 267, 1979), percebemos que pode haver uma relação entre tais fenômenos e os sítios arqueológicos de povos ceramistas, pois os antigos tupis ligavam tal fenômeno à lenda do *baetátá* (coisa de fogo ou, como sugere o radical *mboi*, cobra de fogo, geralmente ocorrendo próximo aos rios e locais onde enterravam seus parentes).
- <sup>30</sup> FUNARI, Pedro P. A. "Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 41:23-32, 2001.
- <sup>31</sup> SCHIAVETTO, Solange N. O. "A questão étnica no discurso arqueológico: afirmação de uma identidade indígena minoritária ou inserção na identidade nacional?" In: FUNARI, Pedro P. A., ORSER Jr., Charles E. & SCHIAVETTO, Solange N. O. *Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia contemporânea*. Fapesp/Annablume, 2005, p. 77-90.

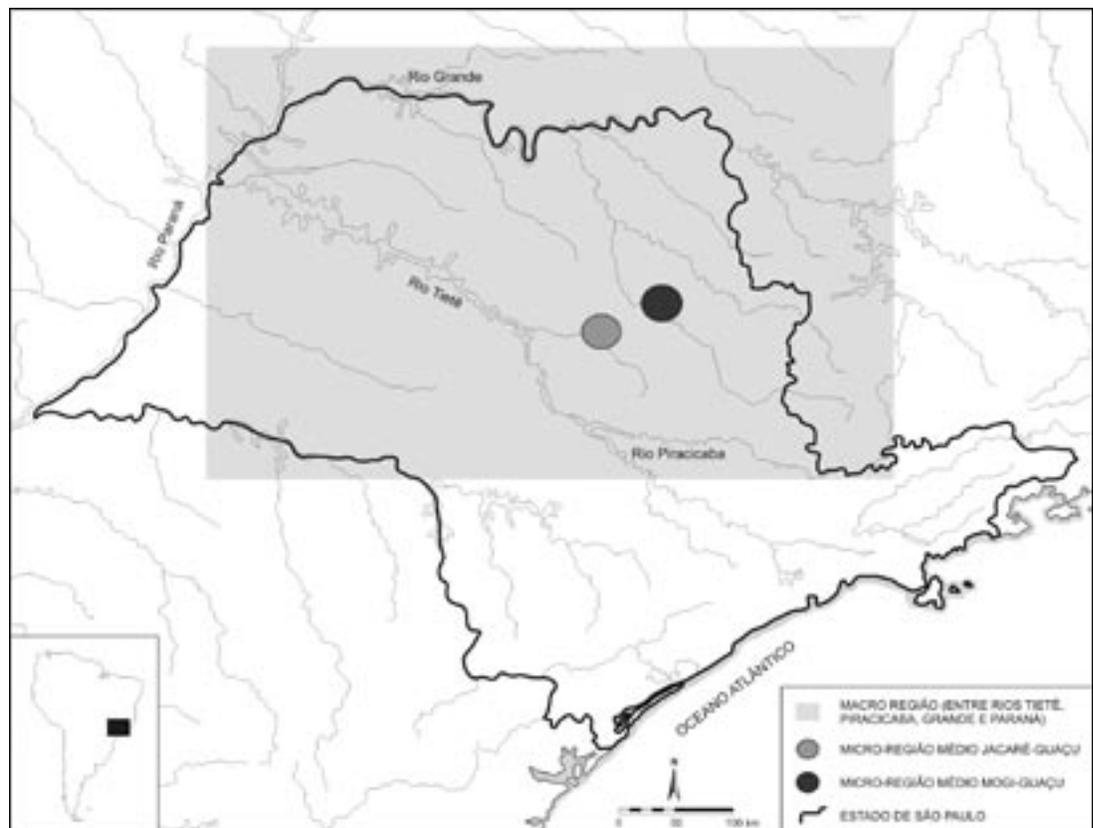
**Tabela 1** Sítios e Ocorrências arqueológicas da Etapa de Levantamento no Médio Jacaré-Guaçu

	Afluente mais próximo	Município	Material	Coordenadas UTM
<b>Ocorrência 1</b>	Cor. Água Preta (Direita)	Ribeirão Bonito	Lasca em sílex	22k E0790359/N7568376
<b>Ocorrência 2</b>	Cor. Água Preta (Esquerda)	Ribeirão Bonito	duas lascas de sílex e uma pequena em arenito	22k E0789714/N7568495
<b>Ocorrência 3</b>	Córrego dos Andes (Direita)	Araraquara	afioramento de arenito e basalto e a ocorrência de material arqueológico (algumas lascas em arenito e sílex).	Lasca em arenito voçoroca: 22k E0786952/N7573753 Lasca em sílex voçoroca: 22k E0786956/N7573750 Aflor.arenito: 22k E0786983/N7573794 Laca em sílex voçoroca: 22k E0786994/N7573799
<b>Ocorrência 4</b>	Córrego dos Andes (Direita)	Araraquara	Lasca em arenito dourado	22k E9784341/N7577247
<b>Ocorrência 5</b>	Rio Chibarro (Direita)	Araraquara	Lasca em sílex Pequeno raspador em arenito	22k E0782970/N7580116 22k E0782989/N7580045
<b>Ocorrência 6</b>	Rio Chibarro (Direita)	Araraquara	Lasca em sílex Pequena ferramenta em arenito	22k E0782293/N7580358
<b>Ocorrência 7</b>	Ribeirão das Cruzes (Direita)	Araraquara	lascas em sílex e arenito e um raspador plano-convexo em sílex	22k E0776851/N7581422
<b>Ocorrência 8</b>	Córrego do Ipê (Direita)	Ribeirão Bonito	duas ferramentas em arenito, sendo uma delas um raspador plano-convexo	22k E0783813/N7575978 22k E0783829/N7576040
<b>Ocorrência 9</b>	Córrego Rancho Grande (Direita)	Boa esperança do Sul	Raspador em arenito Raspador em arenito em forma de faca	22k E0769787/N7580536 22k E9769607/N7580546
<b>Sítio São João (SJO)</b>	Córrego São João (Direita)	Ribeirão Bonito	Lito-cerâmico	Sul: 22kE0787257/N7570964 Oeste: 22kE0787164/N7570943 Leste: 22kE0787337/N7571236 Norte: 22kE0787236/N7571311
<b>Sítio Córrego dos Andes (CAD)</b>	Córrego dos Andes (Direita)	Araraquara	Lítico (baixa densidade)	Leste: 22kE0786641/N7574762 Oeste: 22kE0786337/N7574545 Sul: 22k E0786454/N7574543 Norte: 22k 0786476/N7574696 Ponto Central: 22kE0786514/N7576611
<b>Sítio Ribeirão das Cruzes (Sigla RCZ)</b>	Ribeirão das Cruzes (Direita)	Araraquara	Lítico	Sudeste: 22k E0778730/N7582877 Nordeste: 22k E0778694/N7582941 Noroeste: 22k E0778626/N7582942 Sudoeste: 22k E0778680/N7582868 Ponto Central: 22k E0778676/N7582883
<b>Sítio Mandaguari (MDG)</b>	Córrego Mandaguari (Esquerda)	Boa Esperança do Sul	Lito-cerâmico	22k E0769200/N7577400
<b>Sítio da Barrinha (BRR)</b>	Córrego Mandaguari (Esquerda)	Boa esperança do Sul	Lito-cerâmico	22k E0769601/N7578394
<b>Sítio Rancho Grande (RGR)</b>	Córrego Rancho grande (Esquerda)	Boa Esperança do Sul	Lito-cerâmico	22k E0768956/N7580889

## Pesquisas arqueológicas em São Paulo

**Tabela 2** Sítios e ocorrências arqueológicas da Etapa de Levantamento no Médio Mogi-Guaçu

	Afluente mais próximo	Município	Material	Coordenadas UTM
<b>Ocorrência 1</b>			Lasca em arenito	23k 0191179/7608672
<b>Ocorrência 2</b>	Ribeirão das Guabiobas (Margem Direita)	São Carlos	Lâmina de Machado	23k 0203760/7606472
<b>Ocorrência 3</b>	Próximo ao sítio Itauarama	São Carlos	Um fragmento cerâmico	23k 0207200/7606782
<b>Sítio São José (SJS)</b>	Córrego São José (Margem Esquerda)	Rincão	Cerâmica (engobo branco, corrugado...)	22k 0808286/7612004
<b>Sítio Anhumas I (ANH I)</b>	Ribeirão das Anhumas (Margem Direita)	Rincão	Cerâmica (pintura policrômica)	23k 0192254/7607925
<b>Sítio Santo Antonio (SAT)</b>	Ribeirão do Bonfim (Margem Direita)	Motuca	Cerâmica (sem decoração/ cariapé na pasta)	22k0799245/7626702
<b>Sítio Itauarama (ITA)</b>	Pequeno córrego sem nome	São Carlos	Cerâmica (corrugada, engobo branco...)	23k 0207192/7605823
<b>Sítio Anhumas II (ANH II)</b>	Ribeirão das Anhumas (Margem Esquerda)	Américo Brasiliense	Cerâmica (bem fragmentada e em baixa densidade)	22k 0807356/7597149
<b>Sítio Rapatoni (RPT)</b>	Ribeirão das Anhumas (Margem Esquerda)	Rincão	Cerâmica (urna policrômica no museu)	23k0190828/7606825





2



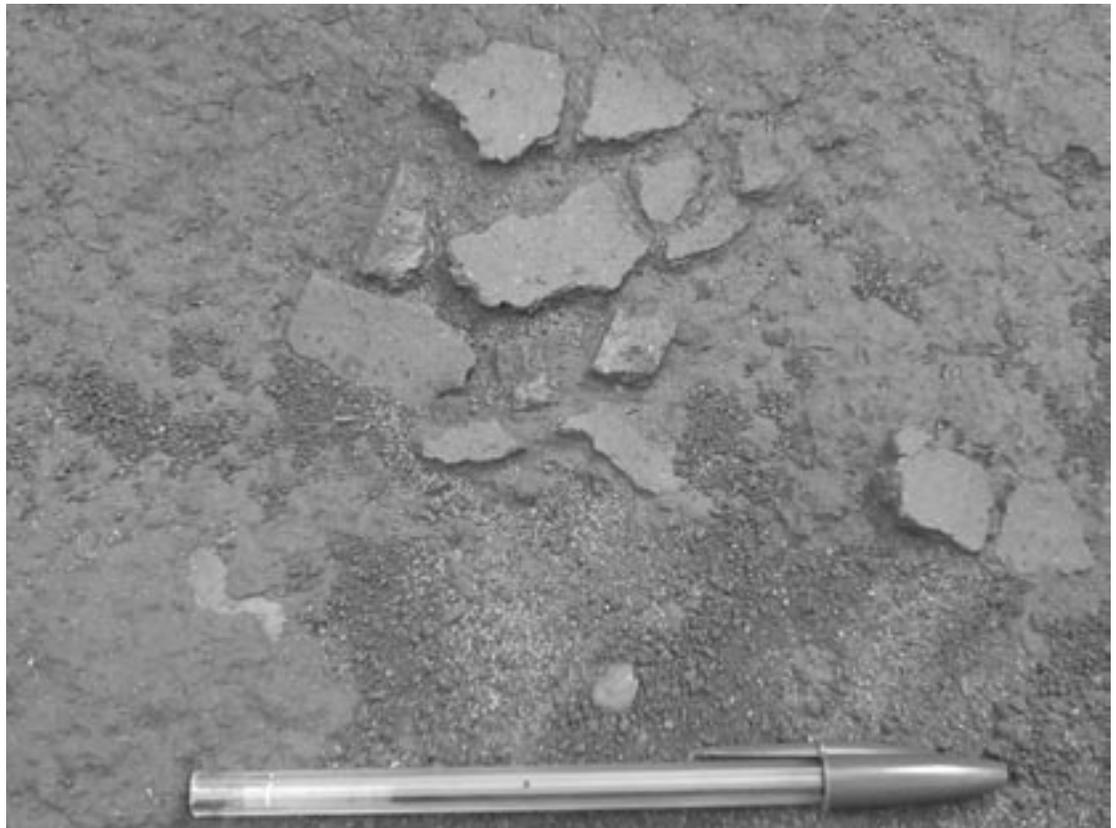
3

2 Calibrador em arenito rosa

3 Fragmento lítico polido, podendo ser a ponta de um machado semi-lunar



4



5

4 Fragmento cerâmico.

5 Concentração de fragmentos cerâmicos em carreador de cana.



6



7

6 Fragmento  
Espesso de  
cerâmica  
com pintura  
policrômica  
(vermelho e preto  
sobre engobo  
branco)

7 Grande  
fragmento de  
borda de pote  
com incisões



8



9

8 Urna funerária  
com pintura  
policrômica

9 Fragmento de  
cerâmica



10



11

10 Fragmento de  
borda de pote

11 Fragmentos  
cerâmicos sem  
decoreção